

# APARECIDA, UM SANTUÁRIO QUE DÁ QUE PENSAR: ANÁLISE NO HORIZONTE DO REALISMO ZUBIRIANO \*

Valeriano dos Santos Costas\*\*, Rodrigo José Arnosos Santos\*\*\*

**Resumo:** *o Santuário de Aparecida é até hoje o maior santuário mariano do mundo. Como espaço sagrado tem um diferencial que o torna paradigma e espelho do Concílio Vaticano II. Neste artigo vamos desenvolver uma análise do Santuário, que poderia ser no pensamento do filósofo contemporâneo Xavier Zubiri, uma realidade que dá que pensar. Significa que busca na marcha da razão a realidade-fundamento de Aparecida, na dimensão artística da arte litúrgica sacra de Claudio Pastro, que recobre toda a parte interna. Se é assim, todo romeiro que por aí passa volta para casa envolvido no Mistério Pascal, em uma busca inquirente de realidade em profundidade. É no detalhe do painel dos homens da evangelização do Brasil, que demonstraremos como o Santuário de Aparecida dá que pensar.*

**Palavras-chave:** *Espaço Sagrado. Aparecida. Realidade. Zubiri.*

**A** Ciência Litúrgica está dando hoje significativo relevo às pesquisas sobre o Espaço Litúrgico, já que a construção de igrejas não é mera edificação de um lugar de culto, mas um audacioso serviço de evangelização (MACHADO, 2001, p. 14), pois a respectividade entre a Igreja viva e a igreja espaço expressa a vitali-

\* Recebido em: 11.03.2021. Aprovado em: 19.10.2021.

\*\* Doutor em Sagrada Liturgia (Pontifício Ateneu Santo Anselmo de Roma). Professor de Graduação e Pós-Graduação (PUC-SP). Líder do Grupo de Pesquisa Teologia Litúrgica. *E-mail:* pvaleriano@uol.com.br

\*\*\* Doutorando em Teologia (PUC-SP). Mestre em Sagrada Liturgia (Pontifício Ateneu Santo Anselmo de Roma). Professor de Liturgia e de Teologia Sacramental (ITESP e no Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Instituto Pio XI). Membro do Grupo de Pesquisa Teologia Litúrgica da PUC-SP. *E-mail:* rja.santos@itesp.com.br

dade de uma comunidade chamada a testemunhar o Reino de Deus. “Na Igreja não há coisa alguma autônoma, nenhuma arquitetura, nenhuma arte. Tudo está submetido à expressão de um amor obediente ao Corpo de Cristo” (RUPNIK, 2019, p.103).

No Brasil, há uma projeção de Espaços Litúrgicos que levam em consideração as Sagradas Escrituras, a Tradição, o Magistério da Igreja e sobretudo a simplicidade, a beleza e a nobreza, que fazem parte do gênio da Liturgia Romana. “O ambiente arquitetônico para a celebração da liturgia deve exprimir eloquentemente uma compreensão da liturgia que aí é celebrada. A Igreja é a casa da comunidade que se reúne para o culto” (JOHNSON; JOHNSON, 2006, p. 20).

Aos poucos desperta-se a consciência de que paredes, móveis e iconografia, em uma Igreja têm por escopo comunicar o Mistério Pascal atualizado na ação litúrgica. Para a liturgia,

*o que se passa nesse determinado espaço, não existe de per se, mas a combinação harmoniosa de mil símbolos se funde num símbolo total, num receptáculo, e o templo constitui o encantamento mais prodigioso que o homem pode preparar para tomar consciência da descida da graça, da epifania do Espírito na sua corporeidade – o Corpo Místico (assembleia = Igreja) que ocupa esse receptáculo (PASTRO, 1993, p. 120).*

É nesta perspectiva de Pastro (1993, p. 3) que nos propomos a apresentar a Teologia do Espaço Litúrgico do Santuário de Aparecida, que ele definia como a Nova Jerusalém:

*O Espaço Sagrado é a Nova Jerusalém, cidade quadrada, que desceu do céu. É o lugar do Apocalipse hodierno, da revelação. Na sua presença está o Cordeiro Pascal, luz do mundo, e a Árvore da Vida de onde jorram os 4 rios, a Fonte da Vida. Este é o princípio básico da arquitetura e da liturgia cristã.*

O Santuário de Aparecida, foi construído por partes. A primeira parte da obra, que compreende a edificação da Basílica, em concreto armado, revestido de tijolos de barro, em formato de Cruz Grega, com quatro capelas laterais, anexadas às quatro grandes naves principais, com uma majestosa cúpula central e a grande torre externa esteve a cargo do Engenheiro Benedito Calixto Neto. A construção desta parte teve início na década de 1950 e se estendeu até os fins da década de 1970 (PASIN, 2016, p. 239-248). A fim de visualizarmos alguns detalhes da arte sacra do Santuário de Aparecida, a seguir usaremos como forma de ilustração algumas imagens do fotógrafo Thiago Leon.



Figura 1: Fachada principal do Santuário Nacional de Aparecida com a Torre Brasília de 100m de altura. Projeto de Benedito Calixto Neto.

Fonte: Sala de Imprensa do Santuário Nacional de Aparecida

Nota: Fotografia Thiago Leon.

Após um longo período de indecisões sobre o projeto de acabamento interno, formou-se no final da década de 1990, uma comissão para pensar a iconografia, o pavimento e o mobiliário litúrgico deste espaço, a serviço da liturgia e da evangelização. A tarefa foi confiada ao artista sacro Claudio Pastro (TOMMASO, 2017, p. 199-251), em parceria com o escritório de Arquitetura Sacra das Pias Discípulas do Divino Mestre. A parceria não durou por muito tempo, ficando somente a cargo de Pastro, que atuou por 18 anos em todo o processo de acabamento interno, incluindo a Capela do Batismo e a Capela da Ressurreição ou cripta. Infelizmente, Pastro veio a falecer em 2016, não deixando nenhum detalhe do que ele pensava como acabamento para a área externa da grande basílica.

Com a morte de Pastro, a Comissão de Pró- acabamento do Santuário, confiou ao artista sacro e teólogo jesuíta Pe. Marko Ivan Rupnik, o trabalho iconográfico das fachadas externas, com temas bíblicos, que ao final constituirão a maior representação iconográfica da bíblia a céu aberto.

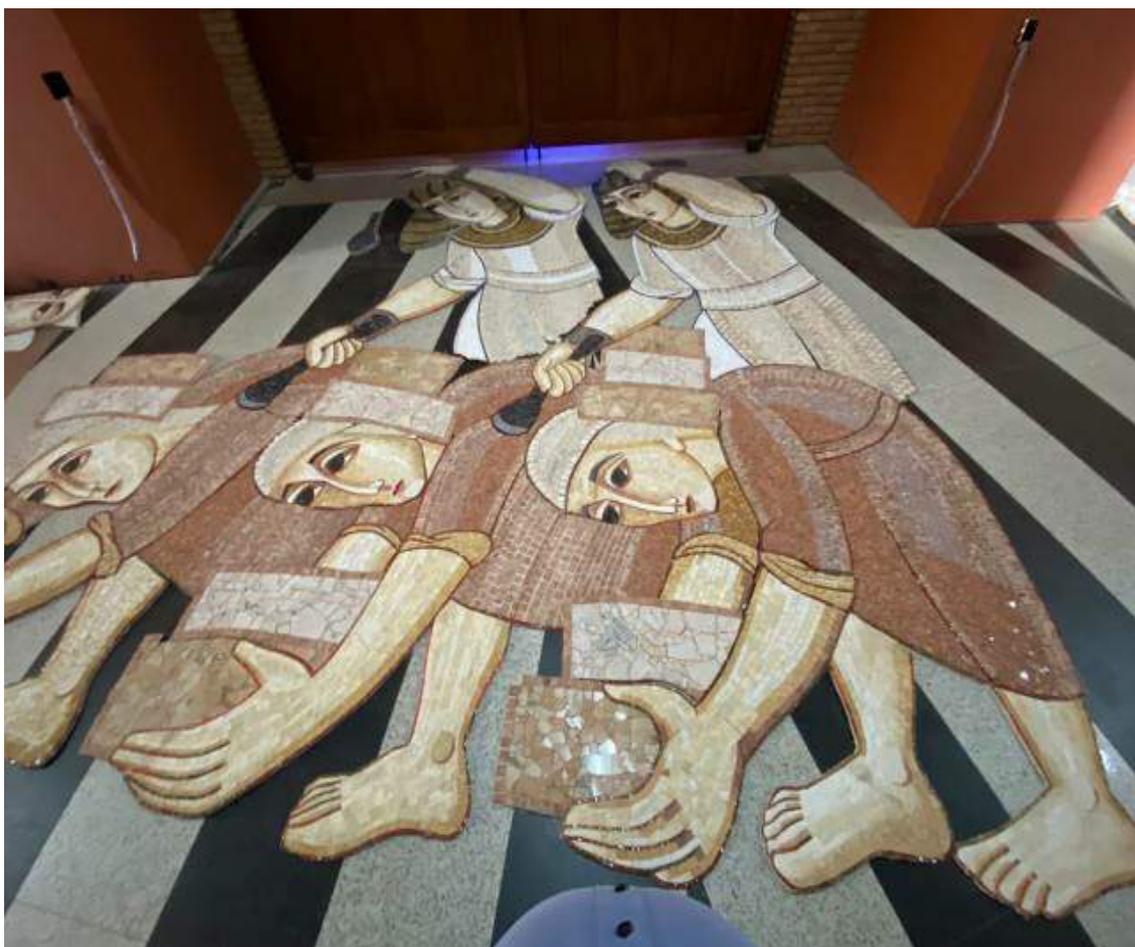


Figura 2: Detalhe do mosaico que representa os hebreus sendo escravizados no Egito, que será afixado na fachada principal do Santuário Nacional de Aparecida. Fonte: Sala de Imprensa do Santuário Nacional de Aparecida.

Nota: Obra de Marco Ivan Rupnik. Fotógrafo Thiago Leon.

Para a compreensão do espaço litúrgico de Aparecida, seremos ajudados pelo “realismo” do pensador e inovador da Filosofia Espanhola do século XX, Xavier Zubiri, aplicado ao painel da evangelização dos homens, localizado na ala oeste da grande basílica.

## O ESPAÇO LITÚRGICO COMO EXPRESSÃO DO MISTÉRIO PASCAL E ATUALIZAÇÃO DA FÉ

Antes de chegarmos ao painel dos homens da evangelização do Brasil, vamos fazer algumas considerações sobre o Espaço Litúrgico do Santuário de Aparecida em geral.

O Concílio Vaticano II, na Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia (SC), estabeleceu os parâmetros para a edificação de espaços litúrgicos:

“na construção de Igrejas tenha-se grande cuidado para que sejam funcionais quer para a celebração das ações litúrgicas, quer para obter a participação ativa dos fiéis” (SC 124).

Segundo o Concílio, o Espaço Litúrgico é lugar de encontro celebrativo, em que Deus se manifesta ao seu povo, por meio de Cristo, no Espírito. Este espaço revela a distinção entre o sagrado e o profano, passando do mundo dos rumores, para o fértil terreno do silêncio do mistério.

*Sem a distinção sagrado/profano no tempo e no espaço, não há possibilidade de construir uma Igreja, tampouco realizar uma verdadeira celebração litúrgica. Essa distinção parece necessária para os que pensam que o mais profundo da liturgia é ser celebração da vida e que a realidade deve ser levada nua e crua para a liturgia. O que se celebra na liturgia na verdade, é nossa sobrevivência em Cristo. Ademais, seria inútil construir espaço que não diferenciasses dos outros espaços da vida* (MORAES, 2009, p. 49).

Aparecida é hoje um paradigma daquele espaço celebrativo que não brilha pelo fausto, mas pela beleza que “coloca-nos diante de uma presença” (PASTRO, 2008, p. 28), com a qual somos ajudados a entrar em respectividade profunda com o mistério celebrado. A comunidade eclesial é chamada a refletir o *kalós* (belo) de Deus. “O adjetivo *kalós* ocorre mais de cem vezes no Novo Testamento” (PASTRO, 2008, p. 26), recordando que o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança da Beleza infinita. Por isso, a comunidade, na sua missão de continuadora da beleza de Jesus, é reveladora do Belo, que para os católicos encanta e salva. “Desde o início, a beleza torna-se a nota distintiva da espiritualidade dos cristãos e o segredo do seu apostolado” (PASTRO, 2008, p. 26). A Igreja é chamada a ser sacramento de salvação (FLORES, 2016, p. 277-280). Por isso, “o cristão é destinado a praticar coisas boas e belas. A redenção formou um povo novo, participante da beleza do Senhor, pois só ele realiza belas obras” (PASTRO, 2008, p. 25).

#### Paredes que Revelam o Mistério Pascal

Ao pensar um Espaço Litúrgico, o artista sacro o faz partindo da fé e do seu conhecimento teológico. Pois ele “[...] tem um papel de destaque e chega a fazer parte dos Sagrados Mistérios. O artista sacro não age ao bel prazer, mas está a serviço dos Sagrados Mistérios” (PASTRO, 2006, p. 7).

A iconografia do interior do Santuário de Aparecida expressa uma eclesiologia fundada nas Sagradas Escrituras, na Tradição e no Magistério da Igreja. Aí encontramos a História da Salvação, que teve sua realização no Novo Testamento

e continua na liturgia. Por isso, através de cores e traços, tópicos da cultura brasileira forjada por índios, portugueses e africanos, Pastro fez emergir das paredes do Santuário, o modo trinitário de Deus se revelar.

O texto bíblico que impulsionou todo o processo de construção do projeto de acabamento interno do Santuário foi tirado do livro do Apocalipse 21,2-3: “Vi descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, uma Jerusalém Nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido. Nisto que ouvi uma voz forte [...] eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo”.

Esta casa edificada para o louvor de Deus e a veneração de Maria, representa, para os católicos, a nova Jerusalém de todo o povo brasileiro. Enquanto tenda de Deus, é local de acolhida e de renovação da fé. Espaço que convida a comunidade eclesial a viver como corpo místico de Cristo.

*O Corpo de Cristo, que é a Igreja, é a carne que revela o amor do Pai. É como a existência divina, de comunhão; um está dentro do outro, eu no Pai e o Pai em mim (Jo 10,38). Eu não só como o pão, mas como a vida de Deus; não só bebo vinho, mas bebo a vida filial; não só amo a minha esposa, mas amo Cristo, amo a todos. Tudo está interligado (RUPNIK, 2019, p.158).*

A partir de Cristo

O ponto de partida deste Espaço Litúrgico é o presbitério central, que se apresenta como o coração do Santuário. Nele há o altar do sacrifício, constituído como a “pedra que os pedreiros rejeitaram e que se tornou a pedra angular” (Sl 118, 22).

*O altar é a pedra em lugar elevado para o sacrifício. A elevação simboliza a subida das oferendas para Deus e é interpretado também, como o centro espiritual do mundo. É o próprio Cristo, segundo a Carta aos Hebreus (temos um altar) a pedra angular do edifício de pedras vivas. É a mesa do banquete eucarístico, no cristianismo quase sempre celebrado sobre o túmulo de um mártir (PASTRO, 1993, p. 73).*

Do altar do Santuário, como que de um rio, brota a abundante fonte de água, que se espalha em forma de ziguezague por todo o pavimento do Espaço Sagrado, como o movimento das águas (Ez 47,1-12). A luz que penetra os vitrais em tons de azuis, quando refletida no pavimento do Santuário (COLOMBINI; PASTRO, 2017, p. 23), nos faz ter a sensação de que nos encontramos dentro de um grande rio. Este espaço inundado pelas águas da criação, que brotam do altar recorda que é no útero da Igreja, a fonte batismal, que homens e mulheres são gerados para uma vida nova em Cristo.

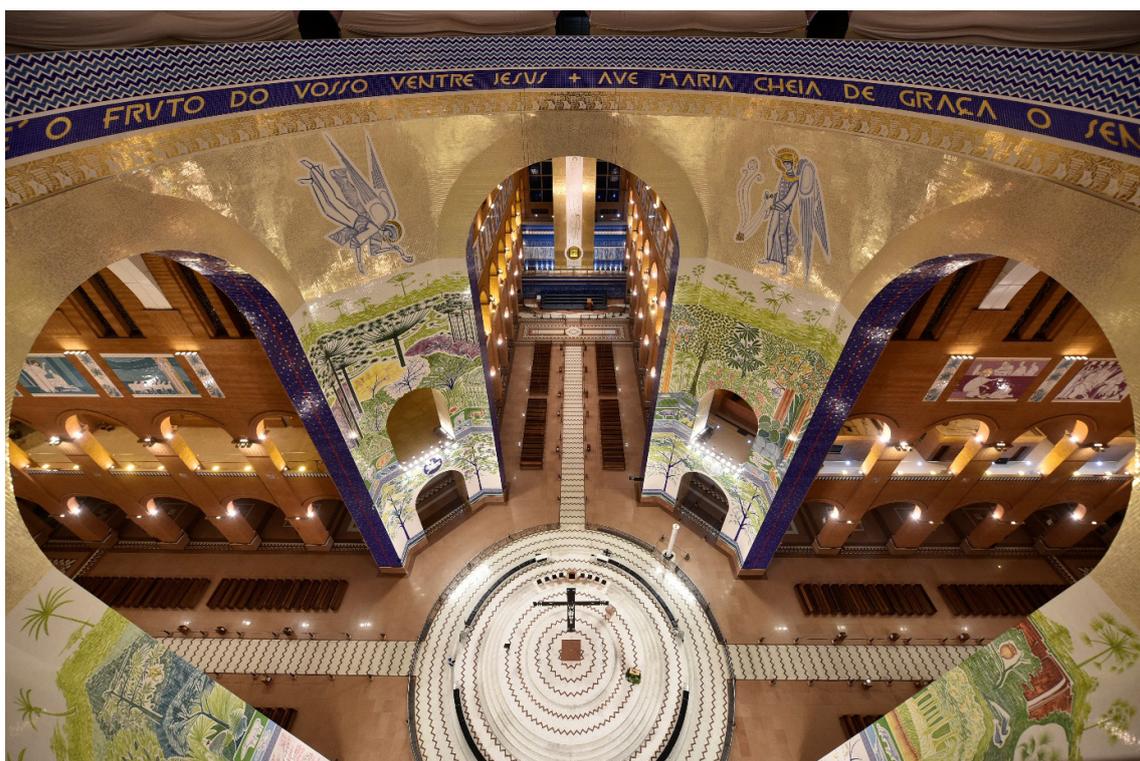


Figura 3: Imagem do Altar Central do Santuário de Aparecida e suas quatro colunas que representam através dos anjos os povos que contribuíram com a formação do povo brasileiro e os biomas desta terra BrasilFonte: Sala de Imprensa do Santuário Nacional de Aparecida  
Nota: Obra de Cláudio Pastro. Fotografia Thiago Leon.

Acima do altar encontramos a Cruz do *Nada* ou Cruz Vasada, recordando-nos o mistério da Redenção e o fundamento da fé cristã, que é cristocêntrica. O conjunto cruz e altar nos remete ao Evangelho de João: “Tudo foi feito por meio d’Ele e sem Ele nada foi feito” (Jo 1,3). Sobre a cruz temos a cúpula central, que constitui a grande *Árvore da Vida*.

*A Árvore é um dos símbolos mais significativos e mais difundidos. Em todas as culturas está ligada a substâncias divinas ou morada de poderes numinosos. A Árvore da Vida simboliza a abundância paradisíaca perdida por Adão e Eva em troca da árvore da sabedoria. Na iconografia e literatura cristã há uma estreita relação simbólica entre as árvores do Paraíso e a cruz de Cristo que nos devolveu o Paraíso e que é a verdadeira Árvore da Vida (PASTRO, 1993, p. 74).*

Na *Árvore da Vida* estão diversas aves da fauna brasileira. Estas simbolizam os romeiros, que encontram nas ações litúrgicas o alimento necessário para viverem em Deus. Ao centro da árvore está a figura do Espírito Santo, artífice da redenção, fazendo do Santuário “a casa onde os cristãos se reúnem para

celebrar o Deus de suas vidas, o Deus que lhes dá a vida plena” (PASTRO, 2008, p. 66).



Figura 4: Detalhe da Cruz Vazada ou Cruz do Nada que forma com a cúpula a *Árvore da Vida* onde são retratados 32 pássaros da fauna brasileira, que representam os peregrinos que vão ao santuário em busca de alimento para a fé

Fonte: Sala de Imprensa do Santuário Nacional de Aparecida

Nota: Obra de Cláudio Pastro. Fotografia Thiago Leon.

A grande cúpula é sustentada por quatro grandes colunas, que nos recordam a Redenção do Cosmo. Quatro anjos indicam que o altar da Eucaristia é o centro dos quatro cantos do cosmo. Recordam ainda as quatro raças que compõem o povo brasileiro: indígena, branca, negra e cabocla.

*No Brasil, três culturas influenciaram a arquitetura: a europeia, a africana e a indígena, cada uma delas com suas riquezas e especificidades. A cultura europeia dominou as outras pela força, mas tanto os negros quanto os índios também possuíam seus ritos e uma forma própria de sacralizar um lugar e de cultuar a divindade* (MACHADO, 2001, p. 26).

Abaixo dos Anjos aparecem os biomas do Brasil: Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado, Floresta Amazônica e a Mata de Araucárias. Junto aos biomas, há os animais típicos da fauna brasileira. Como parte deste conjunto iconográfico, ainda se ressaltam as quatro estações do ano figuradas nas diversas fases do Ipê, árvore genuinamente brasileira. Para concluir as referências, ainda vemos as quatro fases da vida humana, retratadas nestas colunas, desde a fecundação até a vida adulta (COLOMBINI; PASTRO, 2017, p. 59-65). E ainda há quatro grandes faixas azuis, que têm ao centro, a faixa rubra, que nos recorda a passagem pelo mar Vermelho (DULAEY, 2004, p. 111-115), que deu origem aos hebreus (Ex 14,15-15,27).

O Santuário de Aparecida tem quatro grandes alas ou naves, conforme o formato de cruz: ala norte que dá para a cidade, ala sul que dá para a Via Dutra, ala leste que dá para o Oceano Atlântico e ala Oeste que dá para o interior do Estado de São Paulo. Segundo o nosso propósito, vamos nos deter na descrição do painel da ala oeste, onde são destacados os homens que contribuíram para a evangelização do Brasil. O painel é formado por leigos, padres e bispos, que ao seu modo e em seu tempo deram testemunho da presença de Cristo, nesta terra de Santa Cruz. A devoção a Maria sempre ocupou um lugar de destaque na evangelização brasileira. Por isso, ela é apresentada ao centro do painel como a mulher do Apocalipse, que traz no seu ventre, aquele que é o centro de nossa fé, o Cristo, a Palavra viva e encarnada do Pai (COLOMBINI; PASTRO, 2017, p. 42-43).

Ao longo desta nave temos os painéis que retratam a Paixão de Cristo e os momentos que a antecederam. Estes painéis se unem ao painel dos homens, que completaram em sua própria carne, em 500 anos de evangelização do Brasil, o que faltou à carne de Cristo (COLOMBINI; PASTRO, 2017, p. 44-45). Logo mais, aplicando a noologia zubiriana, iremos aprofundar o sentido dos elementos que compõem o significativo painel dos homens que evangelizaram o Brasil.

## APARECIDA, UM SANTUÁRIO QUE DÁ QUE PENSAR

Para discorrer porque o Santuário de Aparecida dá que pensar, enquanto modo de apreensão racional da filosofia da realidade em Zubiri, vamos tecer algumas considerações sobre o filósofo e sua filosofia, com sua visão de realidade tão nova e ineditamente crítica, que beira a uma revolução do pensamento. Diz Ellacuria (2014, p. 35):

*Zubiri acabou desenvolvendo uma filosofia não só diferente, mas radicalmente nova, a partir do que se pode compreender como uma crítica radical de toda a filosofia anterior; e ele teve êxito em colocar todos os problemas em outro plano, para terminar com uma nova visão de realidade.*

A realidade em Zubiri é determinante para o conhecimento, que constitui a primária e última instância das coisas (ZUBIRI, 2011b, p. 39). Zubiri usa o verbo “aprender” para descrever como captamos a realidade pelos sentidos, que para ele não se restringem aos cinco sentidos clássicos tradicionais, mas se ampliam em alguns outros, sobretudo na dimensão interior, que não é o caso de estudarmos aqui. E a apreensão da realidade se faz por “impressão” de realidade, isto é, pela ação dos sentidos que, ao captarem as coisas reais, já nos fazem concomitantemente inteli-gi-las.

Como dizem Tejada e Querubim a respeito do realismo zubiriano, “a realidade não é simplesmente conceitos, não tem lógica, não são juízos *a priori* ou *a posteriori*, não é representação, nem consciência e nem compreensão, é a experiência radical definitivamente, não subjetivista, é impressão de realidade” (2016, p. 53). Essa experiência radical não é o que normalmente se entende por experiência; “é um ato de intelecção senciente, é o sentir intelectual” (CONILL *apud* ZUBIRI, 2018b, p. XI). Tal experiência é organizada pela memória sobre o sentir, segundo Aristóteles (ZUBIRI, 2019, p. 17). Por mais que o resultado seja uma ideia, é sempre uma ideia de realidade, isto é, de algo real. Para Zubiri, “não é a ideia princípio, senão resultado da função pensante. E por isso também, as ideias, ainda que estejam em mim, são das coisas” (2015a, p. 47), pois, “as chamadas ideias, como já advertia, não pairam sobre si mesmas, mas são intelecção de coisas” (ZUBIRI, 2011b, p. 37).

A função primária e radical da inteligência não é firmar ideias, nem conceitos (ZUBIRI, 2015b, p. 27). Portanto, sentir e inteli-gir não são duas faculdades separadas ou até opostas, como tem sugerido a filosofia desde os gregos, mas são dois momentos de um ato único e irredutível. Esse é o segundo caráter revolucionário da filosofia zubiriana.

A esta intelecção constituída ao mesmo tempo pelo sentir e inteli-gir as coisas reais, Zubiri chama de inteligência senciente. Esse sentir intelectual ou inteli-gir senciente é o que constitui a inteligência senciente. “A intelecção enquanto tal é precisa e formalmente mera atualização da coisa real enquanto real” (ZUBIRI, 2011a, p. 198). Essa atualização intelectual é um terceiro caráter revolucionário da filosofia de Zubiri, pois não se trata apenas de dar resposta aos estímulos, como os animais fazem, mas de mergulhar “dentro da realidade estimulante mesma desde seu momento de «estimulante» ao momento de sua «realidade».

Na realidade estimulante se transcende desde o seu momento estimulante ao momento real” (ZUBIRI, 2018, p. 24). Este é o grande salto que o homem dá na possibilidade do conhecimento. Esse mergulho na realidade impede de sair da realidade, como uma espécie de “violência que consiste em ver a claridade, mas sem sair da claridade mesma” (ZUBIRI, 2017, p. 23).

Por fim, Zubiri trabalha com o conceito de modalização na questão da apreensão das coisas reais. São três os modos de apreensão da realidade que se dá aos nossos

sentidos e inteligência: a apreensão primordial, a apreensão dual (*logos*) e a apreensão mundanal (razão). Logos e razão são posteriores, ou seja, fundamentados na apreensão primordial de realidade imprescindivelmente. Isso não quer dizer que os três modos de apreensão não possam ser simultâneos. O importante é que não há logos e nem razão que não estejam compactados na apreensão primordial de realidade.

Para compreendermos a apreensão primordial de realidade, temos de considerar que “realidade é uma formalidade que consiste em ser de seu (*de suyo*) antes de estar (*prius*), presente na apreensão mesma (ZUBIRI, 2011a, p. 198). Significa que o que apreendemos em apreensão primordial é o real em e por si mesmo. É o real sentido e não o real conceituado. “Por isso os princípios ou elementos das coisas não são para Aristóteles conceitos, senão também os elementais sentidos de nossos órgãos” (ZUBIRI, 2002, p. 209).

O apreendido já é *de suyo* antes de estar presente na apreensão mesma. Então esse apreendido não é uma construção da apreensão ou do apreensor, como uma espécie de um “dar-se conta” husserliano (um fenômeno), mas é a realidade que já é assim antes (*prius*) de ser apreendida em apreensão direta, imediata e unitária.

Ainda assim poderíamos perguntar: então tudo o que primariamente apreendemos é verdade? Sim. “A busca do ser real e verdadeiro depende pois da busca destes infalíveis elementais sentires, para, atendendo-se à sua infalível verdade, ter a realidade verdadeira das coisas” (ZUBIRI, 2002, p. 209). É o que foi apreendido primordialmente e como foi apreendido e ponto final. Por isso se chama verdade real.

Porém, tanto a realidade como a sua verdade se desdobra ulteriormente em mais dois modos de apreensão: em logos e em razão. Aí sim se pode verificar, se “a coisa é realmente aquilo segundo o qual está atualizado” (ZUBIRI, 2011a, p. 198). É o que chamamos de verdade dual. Neste caso, a verdade é uma qualidade da atualização. Tanto o *logos* quanto a razão são um movimento, seja no campo intelectual de realidade (*logos*) ou no mundo (razão). O que interessa aqui é que a realidade em seu momento que dá que pensar” é a dinâmica mais profunda do conhecimento, constituído pela razão.

### A Realidade Dá que Pensar

Na filosofia de Zubiri, “as coisas dão que pensar” (ZUBIRI, 2011b, p. 25), constituindo uma marcha determinada pela atividade pensante. Pois, “o real é ‘dado-de’ e ‘dado-para’ o pensar” (ZUBIRI, 2011b, p. 23), já que “o dado de realidade nos dá a realidade em seu intrínseco e formal caráter aberto enquanto tal” (ZUBIRI, 2011b, p. 23). Em outras palavras, o “dado-de” corresponde ao dado da realidade, e o “dado-para” corresponde ao dado para pensar. Assim sendo,

pensar não é atividade espontânea, pois “o pensar não é algo primário; é consecutivo à inteligência primária.

O primário até cronologicamente primeiro é a inteligência” (ZUBIRI, 2011b, p. 24), que, por ser senciente, é o que força a viver pensando (ZUBIRI, 2011b, p. 63). “O pensar é um inteligir que não só entende o real, mas o entende buscando desde uma prévia inteligência e marchando nela” (ZUBIRI, 2011b, p. 26-27). É importante considerar que “a inteligência pensante do real é, pois, o que devemos chamar de razão. Sendo assim, se o Santuário de Aparecida dá que pensar, então o peregrino que por aí passa e entende sencientemente a realidade da arte sacra que hoje o Santuário dá em sua aberturalidade, volta para casa imerso no modo de inteligência da razão em seus três momentos essenciais: “inteligência em profundidade, inteligência mensurante, inteligência em busca” (ZUBIRI, 2011b, p. 29).

Isso não se dá apenas em profundidade, mas em mensuração, ou seja, medindo e sopesando a profundidade real naquela realidade que o pensar busca. Não se trata da busca de mais uma coisa, mas uma realidade-fundamento, na prática, uma realidade fundamentante da inteligência pensante. É o que Zubiri chama de *princípio*, mas se trata de um princípio único com que mede todas as coisas: a realidade. Então “a razão é antes de tudo a direção de uma busca em profundidade” (ZUBIRI, 2011b, p. 46). E o princípio que mensura essa profundidade é a própria realidade.

Neste sentido, Aparecida, com a beleza de sua arte sacra, não é um Santuário que deixa o peregrino alienado do mundo e quiescente, como se estivesse em busca de um Deus fora da realidade. Ao contrário é um Santuário que dá que pensar em todo o seu *corpus mysticus*, o que se reflete em cada detalhe.

O dar que pensar é justamente tratar dos problemas que são colocados aí. A palavra “problema”, do grego *pro-bállo*, arremessar algo diante (ZUBIRI, 2011b, p. 48), ajuda-nos a entender a questão. O próprio dar que pensar é dar justamente a problematidade (ZUBIRI, 2011b, p.48). O Santuário como um todo dá que pensar, lançando diante do peregrino uma arte que problematiza, ao fazer do Mistério Pascal o único fundamento de tudo. Então oferece o caráter pascal à nossa história com sua fé, em toda a sua realidade. Neste sentido, há dois painéis, que embora sejam apenas um detalhe da grande arte que o Santuário como realidade dá que pensar, são emblemáticos. É o painel dos homens da Evangelização do Brasil e das mulheres na História da Igreja. Vamos nos deter apenas no painel dos homens, por falta de espaço neste artigo.

#### Os Homens do Painel da Ala Oeste

Na ala oeste estão os homens: Padre José de Anchieta, Tibiriçá, Cunhaú e Uruaçu, Roque Gonzalez, Sepé Tiarajú, Zumbi dos Palmares, Frei Caneca, Frei Galvão,

Padre Ibiapina, Dom Vital, Padre Cícero, Frei Damião, Dom Helder Câmara, Alceu Amoroso Lima, Dom Martinho Miccheler, Padre João Burnier, Frei Tito, Wladimir Herzog, Padre Vitor Coelho de Almeida, Santo Dias, Padre Josimo, Padre Ezequiel Ramin, Chico Mendes, Joílson, as crianças da Candelária, Índio Galdino e Dom Luciano Mendes de Almeida. Uma rápida apresentação de cada um deles (COLOMBINI; PASTRO, 2017, p. 42-43), vai ajudar-nos a entender esta intelecção problemática que constitui a razão, ou seja, porque o Santuário de Aparecida dá que pensar.

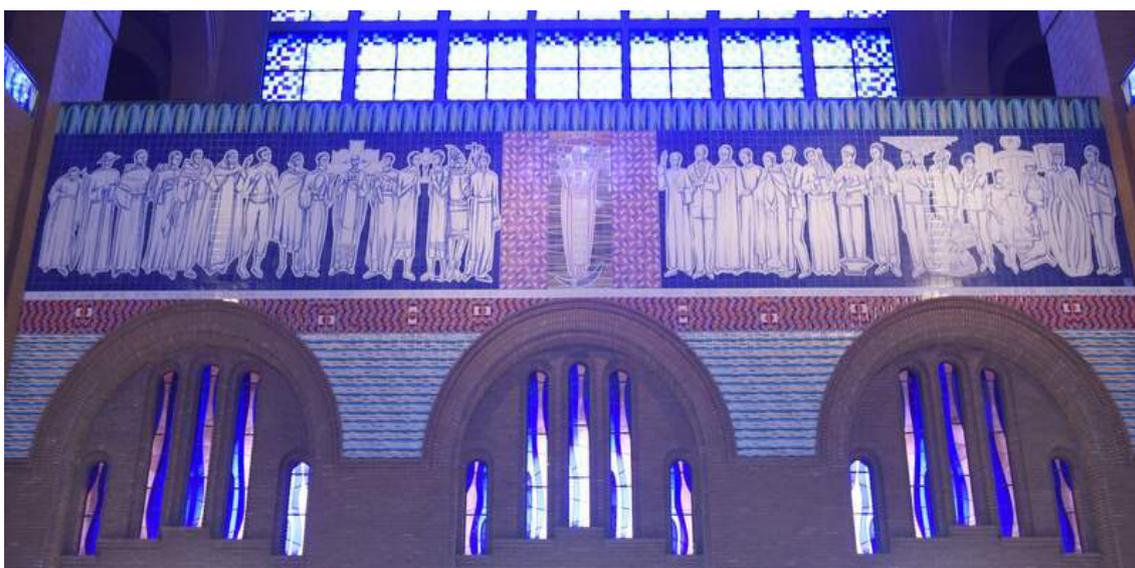


Figura 5: Pannel que retrata alguns homens que contribuíram com a evangelização do Brasil com o testemunho de suas vidas, nos mais diversos seguimentos de nossa sociedade

Fonte: Sala de Imprensa do Santuário Nacional de Aparecida

Nota: Obra de Cláudio Pastro. Fotografia Thiago Leon.

José de Anchieta, Jesuíta espanhol, um dos fundadores da cidade de São Paulo, nasceu nas Ilhas Canárias e, aos 19 anos, foi enviado para o Brasil com outros padres, a fim de catequizar os habitantes das novas terras. Ele desembarcou em Salvador (BA), em 1553.

Rapidamente se familiarizou com palavras *abanheenga*, língua geral dos índios tupis e guaranis. Aprendeu seus idiomas, costumes, lendas e consagrou o termo “tupi” para designar a raiz comum entre os idiomas indígenas brasileiros. Então José de Anchieta está no pannel da evangelização para nos ajudar a pensar a realidade multiétnica, na qual o índio tem um papel preponderante. Diante disto é justo falar de descobrimento do Brasil, ou de ocupação cultural, ou até invasão? Seja como for, o amor é a única ótica que, segundo Padre Anchieta, pode ajudar-nos a pensar. Tibiriçá foi o primeiro índio a ser catequizado pelo padre José de Anchieta. Seu nome de batismo cristão foi Martim Afonso, em homenagem ao fundador de São

Vicente (SP). Em 1554, acompanhou Manuel da Nóbrega e Anchieta na obra da fundação de São Paulo, e estabeleceu-se no local onde hoje se encontra o Mosteiro de São Bento, espalhando seus índios pelas imediações. Na figura de Tibiriçá, pode-se pensar num projeto de evangelização possível, se for vencida a barreira do racismo.

Cunhaú e Uruaçu são nomes que relembram os dois massacres ocorridos no Rio Grande do Norte, em 1645, executados por holandeses. Cerca de 150 pessoas foram mortas nos massacres. Este caso é para pensar que a guerra de “religiões” é o nome tosco para classificar a intolerância e o desrespeito humano, porque tais conflitos tentam esconder a ganância e a maldade.

Roque González nasceu em 1576, em Assunção do Paraguai. Estudou e foi ordenado sacerdote diocesano, experimentando as missões indígenas com dedicação. Em 1619 chegou ao Brasil, para trabalhar entre os índios no Caaró, atual Rio Grande do Sul, com o objetivo de ensinar os princípios cristãos, além de promover ações para a proteção dos índios. Em novembro de 1628, Roque González com seus companheiros foram atacados, dilacerados e martirizados por índios. Em 1988, o Papa São João Paulo II canonizou os três primeiros mártires sul-americanos: São Roque González, Santo Afonso Rodríguez e São João del Castillo. Eis mais um caso para pensar. O que levou os índios à crueldade é puramente maldade ou instinto de autodefesa? Os brancos sabiam criar guerras entre índios para conseguirem mais facilmente dominá-los.

Sepé Tiarajú nasceu na Redução de São Luiz Gonzaga (RS). Órfão de pai e mãe, foi adotado por um padre jesuíta e transferido para a Redução de São Miguel Arcanjo. São Sepé era o Alferes Real e Corregedor do Povo de São Miguel, e o mais ilustre chefe guerreiro guarani. Foi assassinado, juntamente com 2.500 outros guerreiros em 7 de fevereiro de 1756, pelo exército espanhol, em razão da assinatura do Tratado de Madri, que alterava a demarcação de terras portuguesas e espanholas.

Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo Caneca, mais conhecido como Frei Caneca, foi um dos mentores da Revolução Pernambucana. Preso em 1817, Frei Caneca foi levado para Salvador (BA), onde cumpriu pena até 1821. Em 1825, foi conduzido à forca. Na hora, não havia quem aceitasse enforcá-lo. Então trocaram por fuzilamento.

Santo Antônio de Sant’Ana Galvão, OFM, mais conhecido como Frei Galvão, é o primeiro santo nascido no Brasil. Canonizado pelo papa Bento XVI durante sua visita ao Brasil, em 11 de maio de 2007. Frei Galvão ajuda a pensar a autêntica vocação cristã.

Padre Ibiapina, José Antônio Maria. Nasceu e morreu no Ceará (1806-1883). Ibiapina era a vila em que viveu. Realizou peregrinações, construiu mais de vinte “casas de caridade” para acolhimento dos desvalidos. Recolheu e educou centenas de órfãos carentes. Ibiapina é para pensar o cerne da vocação cristã: o amor.

Vital Maria Gonçalves de Oliveira nasceu no dia 27 de novembro de 1844. Foi preso e perseguido, por sua luta contra a maçonaria. Em março de 1872, foi indicado pelo Governo do Império do Brasil, para ser bispo. No entanto, o Papa Pio IX tardou em aceitá-lo, porque ele tinha apenas 28 anos de idade. Frente à hesitação de Roma, Dom Vital escreveu uma carta ao Pontífice solicitando a possibilidade de viver somente como um humilde religioso. Percebendo o desprendimento do capuchinho, o Papa decidiu logo nomeá-lo, em 24 de maio de 1872, data em que Dom Vital se tornou bispo de Olinda e Recife. É mais um caso que ajuda pensar o cerne de uma vocação religiosa e sacerdotal.

Cícero Romão Batista é na devoção popular, o padre Cícero do Juazeiro ou Padim Ciço. Devido ao seu carisma, obteve grande prestígio e influência sobre a vida social, política e religiosa do Ceará e da Região Nordeste do Brasil. Até hoje padre Cícero ajuda a pensar que o presbítero é alguém do povo, constituído em favor do povo.

Frei Damião veio do norte da Itália para o Brasil, no início da década de 1930. Viveu a maior parte da sua vida na região do Nordeste, fazendo peregrinações pelas cidades, pregando, ouvindo confissões, celebrando missas e realizando casamentos e batismos. Pelos nordestinos, é considerado um santo. É um caso que ajuda a pensar a inculturação da fé.

Dom Helder Câmara, destacou-se internacionalmente quando estava na Arquidiocese de Olinda e Recife, ao sair constantemente em defesa dos direitos humanos, durante o regime militar brasileiro, instalado em 1964. Foi um dos idealizadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fundada em 1952. Dom Helder, nos ajuda a pensar a apostolicidade da Igreja, em tempos de perseguição e intolerância.

Alceu Amoroso Lima, escritor carioca, conhecido pelo pseudônimo de Tristão de Athayde, na década de 30, firmou-se como o mais influente pensador católico brasileiro. Converteu-se ao catolicismo em 1928 e tornou-se presidente do Centro Dom Vital, organização de prestígio no meio religioso e cultural. Durante a ditadura militar, destacou-se como defensor dos direitos humanos. É um perfil que ajuda a pensar o papel do leigo em uma Igreja viva e atuante.

Dom Martinho Miccheler, monge beneditino, influenciou profundamente a liturgia e a música litúrgica no Brasil, demonstrando que a música litúrgica, ao louvar a Deus, salienta a realidade humana. Desponta aqui uma figura que ajudou a pensar a recepção do Concílio Vaticano II, no Brasil, destacando o olhar para a realidade humana como hermenêutica de um olhar teológico. Vale lembrar que foi em Medellín que o compromisso com a realidade humana ganhou na música litúrgica um papel preponderante, como Igreja dos pobres e para os pobres. Desta forma o cântico litúrgico expressa a dimensão salvífica da liturgia encarnada na busca de libertação (COSTA; TAVARES, 2020, p. 435).

Padre João Bosco Burnier foi assassinado na região do Araguaia (MT), durante a ditadura militar. Burnier estava na localidade para visitar o bispo D. Pedro Casaldáliga. Foram informados de que duas mulheres, envolvidas na luta pela terra, estavam sendo torturadas na delegacia local. Os dois correram para lá. Irritado, um policial mirou em Casaldáliga, mas acertou Burnier. Tanto a figura de Casaldáliga, como a de Burnier nos fazem pensar o verdadeiro papel da Igreja em situações de ditadura. Nesta mesma linha estão Frei Tito e Wladimir Herzog, que vêm a seguir.

Frei Tito de Alencar Lima assumiu a direção da Juventude Estudantil Católica, em 1963, e foi morar em Recife. Em outubro de 1968, Frei Tito foi preso por participar de um congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes, em Ibiúna (SP). Foi fichado pela polícia e tornou-se alvo de perseguição da repressão militar. No dia 4 de novembro de 1969, foi preso juntamente com outros dominicanos pelo delegado Sérgio Fleury, do Dops. Durante cerca de trinta dias, sofreu tortura nas dependências deste órgão. Na prisão, escreveu sobre seu sofrimento. O documento correu pelo mundo e se transformou em símbolo da luta pelos direitos humanos.

Vladimir Herzog nasceu no ano de 1937, em Osijek, na Iugoslávia, e veio com os pais para o Brasil ainda pequeno, fugindo do nazismo que assolava a Europa no início do século passado. Professor, teatrólogo e jornalista. Era um homem íntegro e um profissional competente, muito ligado às manifestações culturais. Vladimir foi intimado a prestar depoimento no DOI, Destacamento de Operações de Informações do II Exército de São Paulo, a respeito das suas atividades políticas, onde foi preso e morto no dia 25 de outubro de 1975, aos trinta e oito anos de idade.

Padre Vitor Coelho de Almeida, missionário redentorista foi um comunicador por excelência, tanto nas missões populares como na Rádio Aparecida. O apostolado da Rádio foi a razão da sua vida durante seus últimos 36 anos. Faleceu no dia 21 de julho de 1987. Pe. Vitor Coelho nos ajuda a pensar a evangelização enquanto comunicação social.

Santo Dias da Silva foi operário, nascido a 22 de fevereiro de 1942, na Fazenda Paraíso, município de Terra Roxa-SP, e assassinado por um militar em 28 de outubro de 1979, após participar de um movimento por melhores condições de trabalho. Como católico praticante, era membro ativo das CEBs e dos movimentos de bairro que surgiram da ação desses grupos: lutas por transportes, escolas, melhorias nas vilas de trabalhadores. Santo Dias nos ajuda a pensar a missão do leigo na Igreja perseguida. O mesmo podemos dizer das figuras a seguir, sejam leigos ou sacerdotes ou índio.

Padre Josimo Moraes Tavares, morto a tiros em 1986, em Imperatriz (MA), tinha 33 anos e era coordenador da CPT (Comissão Pastoral da Terra), braço agrário da Igreja Católica, e principal líder e defensor dos trabalhadores rurais.

Padre Ezequiel Ramin, no dia 24 de julho de 1985, aos 32 anos de idade, foi brutalmente assassinado quando voltava de uma missão de paz, na qual havia visitado posseiros na Fazenda Catuva, município de Aripuanã, ao norte do Mato Grosso para pedir-lhes que se retirassem, pois corriam perigo. Foi pego de surpresa pelos pistoleiros, a mando de fazendeiros. Seu corpo recebeu muitos tiros de espingarda.

Francisco Alves Mendes Filho, mais conhecido como Chico Mendes, foi um seringueiro, sindicalista e ativista ambiental brasileiro. Sua intensa luta pela preservação da Amazônia o tornou conhecido internacionalmente e foi a causa de seu assassinato, em 22 de dezembro de 1988.

Joílson de Jesus era um menor de rua que foi assassinado a pontapés por um procurador da justiça em São Paulo, em 1977.

As crianças e jovens da Candelária eram moradores de rua. Em julho de 1993, sete crianças e jovens, entre 11 a 22 anos foram assassinados em frente à igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Dormiam sob trapos de cobertores, quando foram acordadas com a chegada de dois carros e seis homens que os vitimaram com tiros precisos na cabeça.

Galdino de Jesus dos Santos, também conhecido como “Índio Galdino”, foi queimado vivo enquanto dormia num abrigo de ônibus, em Brasília, em 20 de abril de 1997, após participar das comemorações do Dia do Índio. Foi um crime que chocou o Brasil, cometido por cinco jovens de classe média-alta da cidade.

Dom Luciano Mendes de Almeida foi presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) de 1987 a 1994, tendo sido também secretário-geral de 1979 a 1987. Foi vice-presidente do Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano) de 1995 a 1998. Na Arquidiocese de São Paulo, marcou sua presença pelo seu contato e acolhimento aos pobres. Organizou abrigos para menores abandonados. Por fim, a figura ingente de Dom Luciano Mendes enaltece o quadro dos homens da evangelização do Brasil e, de certa forma, estabelece um perfil que reúne as figuras anteriores como uma síntese de uma Igreja que realmente faz pensar.

No painel que representa a Evangelização do Brasil, encontramos um rol muito variado de perfis de homens santos, mártires, profetas, índios e crianças abandonados à brutalidade. Todos ligados à luta por um mundo justo, mesmo que vítimas radicais da injustiça desse mundo, como as crianças da Candelária e o Índio Gaudino. E o que os coloca no painel do Santuário de Aparecida é o Mistério Pascal de Cristo, que funda a história e funda os homens que atuam nela, por causa de Cristo. É uma respectividade tipicamente zubiriana entre fundamento, fundante, fundamentante e fundado, em que poderíamos dizer que o Mistério Pascal é como o sangue que corre nas veias dos fundados, já que adotaram o mistério de Cristo, em sua dinâmica de morte e ressurreição (fundante), em seu próprio caráter de realidade (fundados):

*Pois bem, o fundante é fundamentante quando dá ao fundado seu próprio caráter de realidade: 1) desde si mesmo (desde o fundante), e 2) quando ao dar-lho a realidade fundada se está realizando precisa e formalmente na realidade do fundante. O fundamento transcorre fundamentalmente na realidade do fundado (ZUBIRI, 2011b, p. 33).*

O Santuário de Aparecida dá que pensar, apresentando uma realidade que tem como fundamento o Mistério Pascal. Pois, como proclama a liturgia, o Pai determinou que Cristo fosse o fundamento de toda realidade: “Quisestes que ele fosse o fundamento de todas as coisas, e a todos destes participar de sua plenitude” (MISSAL ROMANO, p. 456). Então cada um dos homens do painel da evangelização do Brasil está aí como símbolo do Mistério Pascal, constituído por “morte e ressurreição”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo analisamos sob o prisma da filosofia zubiriana o Santuário de Aparecida, como uma realidade que dá que pensar. Para expor o “dar que pensar” da realidade tínhamos que iniciar mostrando a realidade de Aparecida, enquanto espaço estrutural e litúrgico. No âmbito estrutural foram ocorrendo modificações para se adaptar ao Concílio Vaticano II. Evidentemente as modificações estruturais interferiram diretamente no Espaço Litúrgico. Por fim, tínhamos que mostrar a arte pensada por Claudio Pasto, que recobre toda a parte interna do Santuário, estrita e formalmente determinada pelo Mistério Pascal, em sua índole essencial de morte e ressurreição.

Depois tivemos que abordar o que seja realidade que dá que pensar, em Zubiri. Foi um grande desafio, em se tratando de uma filosofia radicalmente nova, complexa e revolucionária do pensar. Corremos o risco de uma introdução sumária no pensamento de Zubiri que não fosse suficiente para nosso propósito. Mas pensamos tê-lo conseguido.

Depois pedagogicamente escolhemos um detalhe da grande arte do Santuário: o painel dos homens da evangelização do Brasil, que se encontra na ala oeste. Não podíamos deixar de oferecer o mínimo da biografia de cada um ou descrever a situação em que se encontravam como vítimas. Era necessário para que o artigo fosse inteligível. E foi nessa biografia mínima que encontramos o aspecto pascal de cada um deles, constituindo a razão de estarem aí. Todos eles mostram estar fundados no Mistério Pascal (morte e ressurreição), o mistério fundamentante da atividade destes homens em sua luta ou simplesmente em seu caráter de vítima, em que foram envolvidos.

Toda realidade dá que pensar e termina dando razão. É a intelecção inquirente da razão em busca de profundidade. Qualquer detalhe que escolhêssemos tem um cará-

ter nitidamente crítico e isto constitui um diferencial de Aparecida, cuja arte, sem dúvida, faz deste Santuário paradigma e espelho do Concílio Vaticano II. Encerramos com um pensamento de Zubiri: “O homem não nasce à vida, senão que nasce à realidade como realidade” (ZUBIRI, 2015c, p. 40).

## APARECIDA, A SANCTUARY THAT GIVES FOOD FOR THOUGHT: ANALYSIS ON THE HORIZON OF ZUBIRIAN REALISM

*Abstract: the Aparecida Shrine is until today the biggest Marian shrine in the world. As a sacred space, it has a differential that makes it the paradigm and mirror of the Second Vatican Council. In this article, we will develop an analysis of the Sanctuary, which could be in the thinking of the contemporary philosopher Xavier Zubiri, a reality that gives food for thought. It means that in the march of reason, it seeks the reality-foundation of Aparecida, in the artistic dimension of sacred liturgical art of Claudio Pastro, which covers the entire internal part. If that is the case, every pilgrim who passes by goes back home involved in the Paschal Mystery, in an inquisitive search for reality in depth. It is in the detail of panel of men of evangelization in Brazil, that we will demonstrate how the Sanctuary of Aparecida gives us food for thought.*

**Keywords:** *Sacred Space. Aparecida. Reality. Zubiri.*

### REFERÊNCIAS

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994.

CONILL, Jesús. Presentación. In: ZUBIRI, Xavier. *El hombre: lo real y lo irreal* Madri: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2018b. p. I-XVI.

COSTA, Valeriano dos Santos; TAVARES; Deivid Rodrigo dos Santos. A realidade humana no cântico litúrgico pós-Medellín: análise no horizonte da metafísica Zubiriana. *Caminhos*, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 435-450, 2020. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7634/4629>. Acesso em: 23 mar. 2021, 13:10h.

*DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II*. São Paulo: Paulus, 2007.

DULAEY, Martine. *I simboli cristiani*. Catechesi e Bibbia (I-VI secolo). Cinisello Balsamo: San Paolo, 2004.

ELLACURIA, Ignacio. Uma abordagem da filosofia de Zubiri. In: SECRETAN, Philbert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983): Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações, 2014. p. 33-45.

FLORES, Juan Javier. *La evolución del concepto de sacramento a través de los siglos*. Una visión litúrgica de la sacramentalidade de la iglesia. Barcelona: CPL Editorial, 2016.

JOHNSON, Cuthbert; JOHNSON, Stephen. *O espaço litúrgico da celebração*. Guia litúrgico prático para a reforma das Igrejas no Espírito do Concílio Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2006.

- MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O local de celebração: arquitetura e Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 2009.
- MORAES, Francisco Figueiredo. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.
- PASIN, Tereza Galvão. *Senhora Aparecida. Romeiros e Missionários Redentoristas na História da Padroeira do Brasil*. Aparecida: Santuário, 2016.
- PASTRO, Cláudio; COLOMBINI, Fábio. *Santuário de Aparecida*. Aparecida: Santuário e Santuário Nacional, 2017.
- PASTRO, Cláudio; COLOMBINI, Fábio. *O Deus da beleza: a educação através da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PASTRO, Cláudio; COLOMBINI, Fábio. *Teologia do Espaço*. São Paulo: Grafa, 2006.
- PASTRO, Cláudio; COLOMBINI, Fábio. *Arte Sacra: o espaço sagrado hoje*. São Paulo: Loyola, 1993.
- RUPNIK, Marko Ivan. *A arte como expressão da vida litúrgica*. Conferências do 11º ENAAS. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- TEJADA, José Fernández; QUERUBIN, Felipe, *O que é inteligência? Filosofia da realidade em Xavier Zubiri*. Rio de Janeiro: Lumen Iuris, 2016.
- TOMMASO, Wilma Steagall. *O Cristo Pantocrator: da origem às Igrejas no Brasil, na obra de Cláudio Pastro*. São Paulo: Paulus, 2017.
- ZUBIRI, Xavier. *Cinco lecciones de filosofia: con un nuevo curso inédito*. Madri: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2019.
- ZUBIRI, Xavier. *Sobre el hombre* Madri: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2018.
- ZUBIRI, Xavier. *Los problemas fundamentales de la metafísica occidental*. Madri: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2017.
- ZUBIRI, Xavier. *Naturaleza, historia, Dios*. Madri: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2015a.
- ZUBIRI, Xavier. *El hombre y la verdad*. Madri: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2015b.
- ZUBIRI, Xavier. *Tres dimensiones del ser humano: individual, social, histórica*. Madri: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2015c.
- ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011a.
- ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e Logos*. São Paulo: É Realizações, 2011b.
- ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e Razão*. São Paulo: É Realizações, 2011c.
- ZUBIRI, Xavier. *Sobre el problema de la filosofía*. Outros escritos (1932-1944). Madri: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri, 2002.